

alicerce

da juventude socialista



Nº 25

De 22 a 29 de setembro de 1983

Cr\$ 100,00

Paciência tem limite!

Os trabalhadores exigem:

Fora Figueiredo, já!



**Eleições
diretas!**

No Congresso da UMES-SP, formar
um bloco pela CUT e pela Greve Geral.

É o seguinte:

"O jornal nº 21 publicou uma matéria sobre os flagelados (da seca no sertão — "Um Lento Genocídio". O artigo apresenta uma solução radical, o "Programa de Transição" para o sertão: um programa internacionalista, que vincula a luta dos flagelados à luta anti-imperialista, colocando a necessidade de não-pagamento da dívida externa, para utilizar esse dinheiro num plano de obras públicas e emprego para todos. Destaca-se aí a luta contra a estrutura agrária, que infelicitava milhões de sertanejos.

Considero que esse programa é correto, porém não coloca quais as medidas que teremos que tomar para concretizá-lo, não propõe nenhuma forma de luta, não coloca por quais organismos tais lutas serão levadas. E o mais problemático é que não se posiciona sobre os métodos de luta que os flagelados vêm travando. Afinal, os saques são lutas legítimas e corretas? Por quê? Existem diferenças entre os saques e quebras realizados em São Paulo e os do sertão? É o que tentarei colocar para os companheiros do Alicerce.

Há pouco tempo, quando houve os saques e quebra-quebras de desempregados em São Paulo, Alicerce, acertadamente, tentou colocar aquela mobilização, com características selvagens, a serviço da greve geral e da unificação com as lutas da classe operária. Sabíamos que as depredações e saques não apontavam para a organização da classe. (Pelo contrário, criavam um clima desfavorável à organização.)

Porém, considero que nós socialistas não somos por princípio contra essa forma de luta, porque ela pode assumir outras características. Isto é o que ocorre no sertão, onde, além de apontar para a organização, aponta contra a indústria da seca montada pelos caciques do PDS, contra a especulação e para a reestruturação das bases destruídas e semi-destruídas de sindicatos nesta área, **além de manter vivos uma parcela grande dos flagelados!**

O que propor para uma massa faminta prestes a invadir uma cidade? Greve Geral? Campanha para conseguir fundos com a população também já sacrificada dessa cidade? Na minha opinião, temos que colocar o programa proposto no jornal nº 21, mas acho que não poderíamos ser contra os saques aos grandes armazéns, do governo e de particulares. Pois posso afirmar que, por mais violentos que sejam, os saqueadores do sertão desejam apenas farinha, feijão, arroz e outros gêneros que os **mantenham vivos!**

Não podemos desprezar o fato que existem sindicatos (semi-destruídos, é verdade) e que os flagelados estão "se ajuntando" (se reunindo) antes de invadir uma cidade ou pedir comida. Outro fato importante é que toda a população é favorável a tais ações, não existe um "terror" contra isso.

Acho que devemos defender as formas de luta e as "organizações" que forem construídas pelas massas flageladas,



somando forças com os sindicatos que ainda existem e contrapondo-as às comissões de "defensores" dos flagelados, formadas, na maioria dos casos, por padres, bispos e caciques do PDS, responsáveis por essa miséria, querendo influência e controle dos flagelados.

Devemos também estudar as formas de concretizar a aliança dessas massas flageladas com as massas operárias e populares da cidade, sob a bandeira da CUT.

Portanto, resumindo, o plano de lutas mais adequado para este momento, no sertão, seria:

1. Apoio às formas de organização dos flagelados.
2. Formação de comissões de flagelados, junto com os sindicatos que ainda existem, para suas reivindicações e organização.
4. Passeatas exigindo a abertura de frentes de trabalho e aumento de salários!
5. Unidade entre os trabalhadores da cidade e do campo, sob a bandeira da Central Única dos Trabalhadores!" (JM, Recife).

Nos escreveram ainda: Sérgio e Sá de Tereziña (PI); J.C., J.B., Cacau e Antonio de Belo Horizonte (MG); Aida de Porto Alegre (RS) e Fabinho de São Leopoldo (RS); Daniel do Rio de Janeiro; Chico e Marco de Campinas (SP); Adilson, Felmino e Sérgio da Grande São Paulo; Leo, Henrique e Maria de São Paulo (capital).

Resposta à fome e ao desemprego

A ruína capitalista é gritante à nossa volta. Hoje, no Brasil, somos 5 milhões de desempregados, padecemos uma inflação de 160% e vemos os nossos salários arrojados pelos sucessivos decretos da ditadura, em nome do "combate à inflação", da "escassez de recursos" da "crise mundial" etc. Esses argumentos não são novos, como não são novos os programas capitalistas de "retomada do crescimento" e "controle de preços" proclamados pela oposição burguesa. Tais programas são inúteis para os trabalhadores. A classe operária de há muito construiu seu próprio programa para enfrentar a crise e a barbárie capitalista. Do Programa de Transição, redigido por Trotsky em 1938 para a Quarta Internacional, publicamos aqui a resposta socialista ao trinômio **desemprego-arrocho-inflação.**

em decomposição. O direito ao trabalho é o único direito sério que resta ao operário numa sociedade fundada sobre a exploração. Entretanto, este direito lhe é tirado a cada instante. Contra o desemprego, tanto "estrutural" quanto "conjuntural", é hora de lançarmos, ao mesmo tempo que a palavra de ordem de obras públicas, a de **escala móvel de horas de trabalho.** O trabalho disponível deve ser repartido entre todos os operários existentes, e esta repartição deve determinar a duração da semana de trabalho. O salário médio de cada operário continua o mesmo da antiga semana de trabalho. O salário, com um mínimo estritamente assegurado, segue o movimento dos preços. Nenhum outro programa pode ser aceito para o atual período de catástrofes.

Os proprietários e seus advogados demonstrarão a "impossibilidade de atender" estas reivindicações. Os pequenos capitalistas, sobretudo aqueles que caminham para a ruína, invocarão, além do mais, seus livros de contabilidade. Os operários rejeitarão categoricamente esses argumentos e referências. Não se trata do choque "normal" de interesses materiais opostos. Trata-se de preservar o proletariado da decadência, da desmoralização e da ruína. Trata-se da vida e da morte da única classe criadora e progressista e, por isso mesmo, do futuro da humanidade. Se o capitalismo é incapaz de satisfazer as reivindicações que surgem infalivelmente dos males que ele mesmo engendrou, então que morra! Neste caso, "possibilidade" ou "impossibilidade" de atender as reivindicações é uma questão de correlação de forças, que só pode ser resolvida pela luta. Sobre a base desta luta, quaisquer que sejam seus sucessos práticos imediatos, os operários compreenderão melhor toda a necessidade de liquidar a escravidão capitalista."

"Escala móvel de salários e escala móvel de horas de trabalho"

Nas condições do capitalismo em decomposição, as massas continuam a viver a vida pobre de oprimidos que, hoje mais do que nunca, estão ameaçados de serem lançados no abismo da miséria. Elas são obrigadas a defender seu pedaço de pão, mesmo se não puderem aumentá-lo ou melhorá-lo (...) Mas, dois males econômicos fundamentais, nos quais se resume o absurdo crescente do sistema capitalista — o **desemprego e o alto custo de vida** — exigem palavras de ordem e métodos de luta generalizados. (...)

Nem a inflação monetária, nem a estabilização, podem ser palavras de ordem ao proletariado, pois são duas faces de uma mesma moeda. Contra o tremendo aumento dos preços, que adquire, cada vez mais, caráter desenfreado, só se pode lutar com a palavra de ordem de **escala móvel de salários.** Isso significa que os contratos coletivos devem assegurar aumentos automáticos dos salários, de acordo com a elevação dos preços dos artigos de consumo.

O proletariado não pode tolerar, sob pena de desintegração, a transformação de uma parte crescente de operários em desempregados crônicos, em miseráveis vivendo das migalhas de uma sociedade

Festas no dia 24/09

Centro I e II/Ipiranga — 21 horas, no CAPB: R. Diogo de Faria, 799 (metrô Sta. Cruz)
Osasco — 20 horas na Quadra do Ceneart: R. João Batista (perto do Lgo. de Osasco)



O texto ao lado é do Programa de Transição, que você poderá encontrar nas sedes do Alicerce, junto com outras obras de Trotsky, de Marx, Engels, Lenin, Rosa Luxemburgo e outros teóricos do marxismo. Sem teoria revolucionária, não existe prática revolucionária, transformadora do mundo. Por isso, ao estudo. Eis aqui o preço de algumas das obras que temos à venda!

Trotsky	Minha Vida	Cr\$ 5.500,00
	História da Revolução Russa	Cr\$ 13.000,00
	Escritos (26 volumes)	Cr\$ 55.000,00
	Programa de Transição	Cr\$ 600,00
Marx/Engels	Manuscritos Econômicos e Filosóficos de 1844	Cr\$ 3.500,00

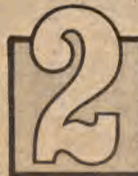


Alicerce é uma publicação da ACS Editora Ltda. Rua Maestro Cardim, 1048, Liberdade, São Paulo - CEP 01323 - Fone: 289.1663. Diretor Responsável: A. Schreiner, Registrado no 5º Registro de Títulos e Docs. sob o nº 2330, livro A. Composição: Proposta Editorial Ltda. Fone: 263.3115, São Paulo. Impresso nas oficinas da Cia Editora Jorrués.

Assine Alicerce

Nome _____
Rua _____
Bairro _____ CEP _____
Cidade _____ Estado _____
Profissão _____ Idade _____

Para receber ALICERCE todas as semanas, durante seis meses, faça um cheque nominal à ACS Editora Ltda. O valor é Cr\$ 2.400,00 (normal) ou Cr\$ 4.000,00 (solidária). Mande o cheque junto com o cupom acima para ACS Editora Ltda. R. Maestro Cardim, 1048. CEP 01323 - São Paulo-SP.



Basta de cartas marcadas!

Nem Figueiredo, nem Aureliano, nem Andreazza, nem Maluf.
Queremos eleições diretas!

A tal consulta ampla de Figueiredo só pode ser compreendida no marco do aprofundamento dessa crise política. O ditador tem um projeto que em nada se casa com o perfil da saída de consenso, que essa consulta pressupõe. Ele está pela manutenção sem retoques do regime militar. Para Figueiredo isso significa se manter como o árbitro inquestionável perante o conjunto da burguesia e, principalmente, poder fazer, ele mesmo o seu sucessor. Esse projeto é o mesmo defendido por Andreazza e Maluf, com a única diferença de que este, sem o apoio do Planalto e correndo como dissidente, nega a Figueiredo qualquer autoridade para fazer o seu sucessor.

Já Aureliano Chaves é expressão de outro projeto de preservação do regime. Diante da crise econômica e do ascenso dos trabalhadores, e compreendendo a decomposição da autoridade do governo perante o conjunto dos patrões para responder a um e a outro problema, Aureliano busca uma saída de unidade nacional. Para ele, trata-se de governar com os partidos de oposição patronais, ampliando a participação dos diversos setores burgueses nas decisões. Os 40 dias de seu governo interino foram um balão de ensaio nesse sentido, que resultaram na ampliação de sua base de apoio, que hoje, seguramente, abarca os comandantes militares das 3 armas.

Assim, o isolamento de Figueiredo ganha peso. Por um lado, Maluf tende a absorver o descontentamento crescente do PDS com o Planalto. Por outro, multiplicam-se as pressões de Aureliano e dos setores que o apoiam pela abertura do processo de consultas amplas.

O recuo de Figueiredo surge como uma manobra tática para esvaziar momentaneamente essas pressões e abrir um mínimo de espaço para poder rearticular a candidatura Andreazza. De fato, até aqui, a tal consulta não passou de uma série morosa e diplomática de troca de opiniões com alguns governadores do PDS. Entretanto, o simples fato de ter de recorrer a esse recurso mostra o quanto é profunda a crise no interior do regime. A expressão mais acabada dessa crise nos é dada pelo clamor dos governadores pedessistas dos Estados atingidos pela seca e pelas enchentes, por eleições diretas. Pressionados pela falta de recursos e pela explosão da revolta popular demonstrada nos saques e levantes no nordeste, esses governos começam a ver nas diretas a

"Um, dois, tres/quatro, cinco mil/queremos eleger/o presidente do Brasil." Esse estribilho será ouvido em todo o país no próximo dia 23, em cadeia nacional de rádio e televisão, quando o PMDB levará ao ar o seu programa político. Esse partido se diz em campanha por eleições diretas e, a julgar pelas palavras de ordem e faixas que comporão o pano de fundo do programa, esta reivindicação estará colocada no centro de sua propaganda. Ocorre que a realização do programa do PMDB se dá num momento curioso do processo sucessório da ditadura. Na semana passada, Figueiredo iniciou o que ele chama de ampla consulta para a escolha do sucessor, com a promessa de envolver até mesmo os partidos de oposição. Alguns governadores do PDS nos Estados flagelados do nordeste e do sul, por sua vez, não deixaram por menos e saíram publicamente a exigir a realização de eleições diretas para presidente. E, por fim, quando fechávamos essa edição, o sucessor dos sonhos do ditador, Mario Andreazza, lançou oficialmente sua candidatura, declarando não aceitar qualquer consulta que transcenda o PDS. Teatro do absurdo? Longe disso. Estes são apenas alguns dos novos lances da crise política que assola o regime militar.

de nada nos interessa que Figueiredo seja substituído por outro ditador.

Sucumbimos à fome pelos atos de uma série de governos que jamais elegemos. Basta! Não queremos Aureliano, Maluf ou Andreazza. A luta por eleições livres e diretas para presidente faz parte do processo de derrubada da ditadura militar e do conjunto de suas leis repressivas.

Por isso, é importante que todos os que se reivindicam verdadeiros democratas se coloquem em campanha pela sua conquista. Entretanto, até aqui, só a CUT deu passos reais nesse sentido. A única grande mobilização, já marcada, que tem as eleições diretas em sua pauta de reivindicações, é a Greve Geral de 25 de outubro, chamada pela CUT. O PT tem como centro da festa-ato que marcará a sua convenção em São Paulo, no dia 25 de setembro, a luta por eleições diretas, o que é positivo, mas não se lançou ainda a uma enérgica campanha nacional com atos de rua.

Chamar a atos unitários por eleições diretas. Uma tarefa para a CUT e PT

Do PMDB e demais partidos de oposição, não podemos dizer o mesmo. Estes até aqui, não realizaram nenhum ato, não mobilizaram nenhum setor em nome da campanha que dizem estar levando. Ao contrário, seus governos estaduais se colocam na linha de frente em defesa do consenso. Tancredo Neves, por exemplo, afirmou que se for convocado para discutir uma candidatura de consenso, irá ao encontro de Figueiredo. Na mesma linha se colocou Brizola, que se saiu com essa: "Ao abrir o leque de consultas sobre a sucessão, o presidente deixa de representar apenas o PDS para assumir uma posição de magistrado, transformando-se no presidente de todo o povo." Seguramente não será por essa via que conquistaremos o fim desse governo e desse regime!

Até aqui, a desconfiança crescente da classe trabalhadora face a esses partidos e governos é plenamente justificada. Nossa arma é outra, é a da mobilização dos trabalhadores da cidade e do campo para arrancar essa reivindicação.

Por isso cabe à CUT e ao PT deflagrarem uma grande campanha por eleições livres e diretas para presidente, marcada pelo chamado aos demais partidos de oposição e a todos os setores que as defendem à mobilização conjunta, à realização de atos unitários pela sua conquista.



única saída para impedir que essa revolta venha a abrir uma etapa revolucionária que ameace devorar não só o regime, como o próprio capitalismo no país.

Ninguém aguenta mais: fora Figueiredo!

Consenso, consulta ampla, sucessão, tudo isso tem um claro

conteúdo para o povo trabalhador: a continuidade de uma situação que nos transforma em desempregados crônicos, em uma legião de miseráveis e famintos. Esse governo é incapaz de cumprir qualquer medida reivindicada pelos trabalhadores. É a expressão acabada da defesa dos interesses dos banqueiros imperialistas. Então que mórta! Fora Figueiredo e Delfim, já! Essa é a nossa alternativa. Entretanto,

A Campanha contra a LSN continua e aumenta

A campanha contra o enquadramento de 8 companheiros de alicerce de Belém, Pará, na LSN, pela anulação de todos os processos políticos e pelo fim das leis repressivas, continua obtendo o apoio de vários parlamentares, entidades sindicais e estudantes. No Rio Grande do Sul, dez deputados assinaram o abaixo assinado a Abi Ackel exigindo arquivamento dos processos de Belém e o fim da LSN. No Rio 155 estudantes e entidades também o fizeram.

A campanha é forte também em Belém. No dia 31/8 o enquadramento dos companheiros foi discutido em plenária da Assembléia Legislativa. A matéria foi apresentada pelo deputado Paulo Fonteles do PMDB.

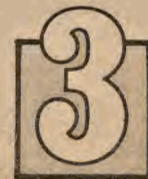
"...eu mesmo corro o risco de ser enquadrado na LSN..."

Segundo Paulo Fonteles, a simples atitude da PF ao apreender e apresentar como prova de envolvimento subversivo dos indiciados, livros como o "Programa de Transição", de Leon Trotsky, e o "Manifesto Comunista", de Karl Marx, mostra o rigor e a inspiração fascista da LSN, pois

estas obras podem ser encontradas em qualquer livraria. Até mesmo o líder do PDS Ronaldo Passarinho, tomou a palavra e falando em nome da bancada, se colocou à disposição de Fonteles chegando a afirmar que "Se os fatos como foram relatados (...) forem verdadeiros, eu mesmo corro o risco de ser enquadrado na LSN, porque tenho em minha casa uma vasta literatura marxista, porque gosto de estudar para poder me contrapor às idéias" (O Liberal, 31/8). O líder do PMDB, Aldo Almeida, além de se somar ao repúdio, denunciou a perseguição que sofre um dos companheiros, Carlos Vinicius, que desde que foi enquadrado na LSN tem encontrado dificuldades de encontrar emprego devido à ação de algumas "pessoas" que levantam suspeitas contra o companheiro.

Essas manifestações de repúdio ao ataque de Belém reforçam a luta democrática pela libertação de todos os presos políticos e pelo fim dos mais de 64 processos políticos em curso que atingem a outros jornais da imprensa alternativa. A luta contra a LSN se inscreve no quadro do combate pelo fim da ditadura militar.

ABAIXO A LSN!



Pagar ou comer!

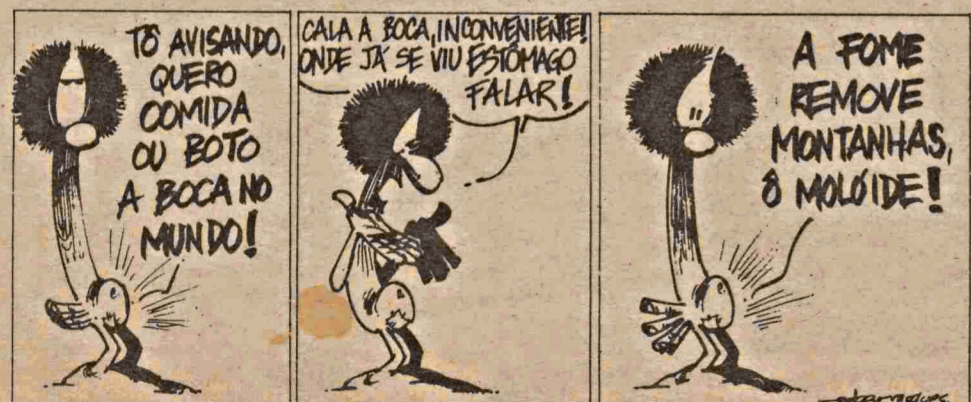
A dívida externa é uma arma apontada para todos nós!



Fome. Esta palavra se tornou uma realidade para milhões de trabalhadores e para o povo em geral. A angústia de 10 milhões de flagelados nordestinos, que estão sob a ameaça concreta da morte pela fome despertou o país para ver esta verdade: não é só o Nordeste que passa fome. Existem milhões de trabalhadores nas cidades mais desenvolvidas do Sul e Sudeste, que por causa do desemprego ou pelos salários miseráveis não conseguem sustentar suas famílias e se encontram em uma situação de desespero. Este é o grande motivo dos saques que varreram o Rio de Janeiro por duas semanas. Mas o dinheiro que poderia ser utilizado para dar comida para estes milhões de trabalhadores está sendo roubado diretamente pelo imperialismo e pelos patrões que estão pagando a monstruosa dívida externa do país. Aos trabalhadores só resta uma opção: pagar a dívida e morrer de fome ou não pagar, como defende a CUT, e comer.

O governo e os patrões matam de fome

A situação é dramática. Segundo dados do IBGE, reavaliados pelo Banco Mundial, 67,2% da população do Brasil tem deficiências de calorias, ou seja não come o mínimo suficiente. Na região do Nordeste esta proporção chega a 79,5% da população. Mesmo no Sul-Sudeste, industrializado e "rico", esta porcentagem é de 57,9% (dados da revista Isto É, de 14/9/83). Este ataque aos trabalhadores e ao povo é brutalmente violento quando se vê o índice de mortalidade infantil. Segundo dados da Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância), de cada mil crianças brasileiras nascidas vivas, 82 morrem antes de completar um ano. Esta taxa é mais alta do que a do Paraguai (49 para mil). A cada vinte minutos, segundo a Organização Mundial de Saúde, morre uma criança brasileira de fome, direta ou indiretamente, por qualquer doença causada pela fraqueza. Isto sem falar das que ficam com deficiências físicas pelo resto da vida,



com problemas mentais ou de visão causados pela falta de vitamina A.

Tudo isto é resultado da dívida externa formada nestes anos de pretensão "milagre econômico" por política da ditadura e da burguesia. Com os incentivos para as exportações e com a necessidade de exportar para pagar a dívida os produtos agrícolas exportáveis cresceram uma enormidade enquanto os produtos básicos para a alimentação (arroz e feijão, por exemplo) tiveram índices **abaixo do crescimento da população.** A soja por exemplo, que é um produto para exportação, teve um crescimento médio por ano, entre 1970 e 1979 de 22,5%; a cana-de-açúcar teve um crescimento médio anual no mesmo período de 6,3%. O arroz ao contrário cresceu apenas 1,5% ao ano entre 70 e 79 e o feijão teve um crescimento *negativo* de 1,9% ao ano.

O governo e os patrões além de não produzirem os alimentos que necessitamos porque querem ter os maiores lucros possíveis com os preços altos do mercado internacional, diminuem mais ainda a renda dos trabalhadores para pagar a dívida externa feita por eles mesmos. Só o 2045, em um ano, irá retirar 16 bilhões de dólares dos salários dos trabalhadores do país.

Não escolhemos: não pagar e viver!

Por tudo isto é que "Alcercer da Juventude Socialista" vem fazendo campanha há mais de dois anos **pelo não-pagamento da dívida externa!** Os trabalhadores e o povo em geral só tem uma alternativa: pagar esta dívida externa, que já foi paga centenas de vezes e que cada vez aumenta mais, e desta forma nos condenarmos a morrer de fome; ou não pagar e viver! Felizmente a CUT no seu congresso de fundação já fez esta escolha e colocou em seu programa, que vai levar como bandeira na greve geral marcada para o dia 25, a luta pelo "não pagamento da dívida". Esta será uma das lutas principais dos trabalhadores para garantir sua sobrevivência contra os planos de fome e miséria da ditadura e do imperialismo.

2024-2045:

Contra os decretos da fome!!!

Não importa qual seja o número do decreto, 2012, 2024 ou 2045, todos eles são produtos dos acordos que a ditadura fez com o FMI e todos contribuem para aumentar a fome dos trabalhadores brasileiros.

Esses ataques aos nossos salários têm como objetivo tirar dinheiro dos nossos bolsos e transferi-lo para os cofres do imperialismo. Assim, se o 2045 perdurar por um ano nos levará o 13º, o 12º e 19 dias do 11º salário! Isto significa que o salário mínimo resultante desse decreto terá retrocedido ao nível do mínimo vigente em 47, durante o governo de Dutra, ou seja, do mínimo mais baixo já conhecido pelos trabalhadores do país.

É fácil concluir, por aí, que qualquer parlamentar ou partido que venha a aprovar estes decretos, ou a permitir, por ausência, sua passagem por decurso de prazo no Congresso, sofrerá o repúdio de toda a classe trabalhadora. Acontece que tanto o PDS como os governos e partidos de oposição burgueses têm interesse em continuar aplicando a política de arrocho do FMI e de Figueiredo. Resta saber como fazê-lo, no caso da votação desses decretos, sem se desmascarar.

Teremos oportunidade de testar esses partidos ditos de oposição no dia 21, quando do último prazo para a votação do 2024. A semelhança do mágico que, com a mão direita distrai o espectador e com a esquerda realiza o truque, as oposições e o PDS estão preparando sua mágica. Enquanto todas as atenções se concentram no 2045, o 2024, silenciosamente, vai passando por decurso de prazo. Até aqui nenhum partido burguês de oposição fechou questão contra esse decreto e mesmo alguns de seus parlamentares admitem que dificilmente suas bancadas estarão completas no plenário da Câmara Federal quando de sua votação. A aprovação do 2024, se de fato vier a ocorrer, confirmará, pela enésima vez, que esses partidos (PMDB, PDT e PTB) estão a serviço do arrocho, já que a simples presença *completa* de suas bancadas, com voto contrário será suficiente para barrá-lo.

De qualquer modo, trata-se de um teste a mais. De nossa parte, já aprendemos de há muito que só através de nossa mobilização poderemos barrar, de fato, todos os decretos e planos de arrocho da ditadura e do imperialismo. Por isso construímos a CUT e estamos preparando a Greve Geral do dia 25 de outubro.

Metalúrgicos-SP:

De novo os métodos policiais de Joaquim e do PC.

No dia 16, os metalúrgicos de São Paulo realizaram sua primeira assembleia de campanha salarial. No sindicato, 3.000 companheiros revelaram grande disposição de luta. Mas o pelego Joaquim, mais uma vez manobrou para impedir a discussão, buscando evitar a incorporação dos metalúrgicos à greve geral do dia 25 de outubro. Esta proposta foi apresentada pela Oposição Sindical que, no entanto, teve sua palavra boicotada desde o início. Após a intervenção da diretoria mais uma vez foi imposto um esquema de "sorteio", para ver quem deveria falar, sob o comando do próprio Joaquim. Isto significa que não se garantiu o mínimo de democracia para os que defendiam posição contrária à dos pelegos.

Diante da pressão dos membros da Oposição conseguiu-se afinal romper em parte o bloqueio e alguns companheiros contrários à diretoria foram "sorteados". Então Joaquim recorreu aos seus fiéis seguidores, os apoiadores do jornal "Voz da Unidade", que começaram a organizar os "Décio Malho" (indivíduos ligados à pelegada para intimidar os opositores) para vaia a Oposição.

O conflito explodiu quando Vítor Gianotti, da oposição, falava sobre as resoluções da CONCLAT. Um diretor do sindicato, o stalinista Flores, comandava a vaia e partiu para a agressão física quando foi questionado por um membro da oposição. Aí a pancadaria se generalizou.

Aproveitando o incidente, a diretoria fez votar rapidamente sua proposta, que incluiu um índice de 87% de reajuste e a incorporação à manifestação de 30 de setembro contra o decreto-lei 2045. Não foi marcada sequer a data da próxima assembleia. A Oposição Sindical precisa se fortalecer mais nas principais fábricas para se colocar como uma clara alternativa durante esta campanha salarial. Só assim poderá ser preparada em São Paulo a greve do dia 25 e o combate ao pelego Joaquim e seus apoiadores para ganhar as eleições do sindicato no próximo ano.



Assembleia do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo.

Guerrero

Assim os trabalhadores preparam a greve geral!

A luta pelo fortalecimento da CUT e pela organização da greve geral do dia 25 de outubro avança. Uma de suas faces é a realização de encontros regionais, como o que está previsto para o ABC, nos dias 8 e 9 de outubro, para eleger a direção regional da CUT e preparar a greve. As lutas parciais que os trabalhadores travam neste momento são também parte desta grande batalha. As campanhas salariais como a dos funcionários públicos e metalúrgicos de São Paulo, ou como a dos trabalhadores dos canais do Nordeste, são parte da mesma resposta ao arrocho salarial promovido pelo decreto-lei 2045 e toda a política da ditadura. Estas campanhas, para todos os que se comprometeram com as resoluções do Conclat, devem ser encaminhadas com a perspectiva de sua incorporação à greve geral. Isto reforça as nossas reivindicações específicas e nos permite dar os passos iniciais rumo ao dia 25/10.

A efetivação da CUT e da greve geral está no entanto, ligada à luta para que o movimento tenha uma direção realmente comprometida com os trabalhadores. Isto significa combater os pelegos como Joaquim no Sindicato dos Metalúrgicos, que apoiado pelos gangsters do "Voz da Unidade" manobrou a assembleia da campanha salarial para evitar a incorporação da categoria no dia 25. Pelego semelhante a Joaquim, só Oswaldo Pimentel dos metalúrgicos do Rio de Janeiro, apoiado vergonhosamente por ativistas ligados ao jornal "Em Tempo".

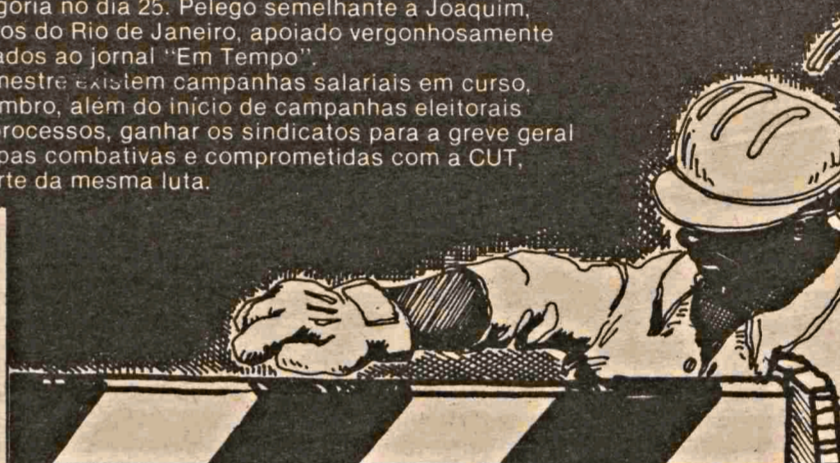
Em todo o país, neste segundo semestre existem campanhas salariais em curso, com data-base em outubro e novembro, além do início de campanhas eleitorais para vários sindicatos. Em ambos os processos, ganhar os sindicatos para a greve geral do dia 25 de outubro e formar chapas combativas e comprometidas com a CUT, são parte da mesma luta.

Jundiaí:

Apesar dos pelegos se aprovou a greve geral!

Os sindicatos de Jundiaí realizaram uma assembleia intercategorias para decidir o encaminhamento da luta contra o decreto-lei 2045. Estavam presentes os sindicatos de Químicos, Metalúrgicos, Motoristas, Alimentação, Ceramistas, Têxteis e Construção Civil. Para reforçar os pelegos estava presente também Aurélio Pérez, deputado do PMDB ligado à Tribuna da Luta Operária. A manobra dos pelegos presentes era apresentar como única alternativa de luta o Dia Nacional de Mobilização chamado por eles para 30 de setembro, ignorando a greve geral de 25 de outubro e a CUT.

A partir da intervenção de Emanuel Melato (Manê), um metalúrgico da oposição, líder das greves de 79 e 80 e ex-candidato a presidente pela chapa de oposição nas eleições passadas, a assembleia virou contra os pelegos. Foi votado um plano de preparação da greve geral de 25 de outubro, com assembleias entre 16 e 23 de outubro em cada categoria e uma nova assembleia intercategorias a 24 de outubro. Além disto foi derrotada também a proposta dos pelegos de fazer um ato no dia 30 em lugar fechado, passando-o para uma praça central em que possam estar presentes todos os trabalhadores.



Funcionalismo e professores - SP

Todos ao Palácio do Governo no dia 27!

Os professores não se integraram à greve do funcionalismo no primeiro semestre porque a diretoria da APEOESP adotou, naquele momento uma posição totalmente desmobilizadora e divisionista. No dia 3/9, os professores decidiram em assembleia reincorporar-se à luta, unificando-se ao conjunto do funcionalismo público. No Congresso realizado em agosto os funcionários haviam marcado greve estadual contra Montoro, para 23/9, caso este não desse os 34% de complementação salarial prometidos no primeiro semestre. Montoro, arrochador e mentiroso, não deu qualquer aumento. Juntos, funcionários e professores estavam na reta final da preparação da greve do dia 23. No dia 20 realizou-se a última assembleia geral conjunta anterior à deflagração da luta. Foi então que, mais uma vez a diretoria da APEOESP, ao melhor estilo dos pelegos, traiu miseravelmente o movimento, jogando por terra aquela que seria a mais importante preparação dessas categorias para a Greve Geral de todos os trabalhadores no dia 25 de outubro.

Os diretores da APEOESP há muito vinham ensaiando sua traição, afirmando que se Montoro os recebesse no Palácio dos Bandeirantes, levantariam a paralisação. Ora, para Montoro receber esses conciliadores não era nenhum problema. O verdadeiro temor desse sr. é a unidade dos trabalhadores. Por isso, no dia 20, recebeu a diretoria traidora e com ela acertou a melhor forma de bloquear a greve. A

assembleia geral iniciou-se, dessa forma sem a presença da direção da APEOESP, que só apareceu no final para dizer que o governador havia feito importantes concessões ao professorado (na verdade tratavam-se de conquistas antigas, já incorporadas ao Estatuto do Magistério). afirmou que uma nova rodada de negociações com Montoro estava acertada para o dia 27 de setembro e que, por isso, a APEOESP se retirava da mobilização, chamando os professores a aguardar o resultado das negociações. A frustração e a revolta se abateu sobre os 300 trabalhadores presentes. O presidente Gumercindo Milhomen, que friamente executou a sórdida manobra, havia acabado de enterrar a mobilização do dia 23. Mas não conseguiu romper a unidade de professores e funcionários. O professor Nelson Rodrigues, ativista respeitado pela sua trajetória de lutas e membro do conselho de representantes da APEOESP por São Bernardo propôs que funcionários e professores juntos se concentrassem em frente ao Palácio do governo no dia 27, quando da negociação anunciada por Milhomen. Este, desmascarado em sua manobra só pode ruminar sua raiva, ameaçando soltar uma nota da entidade chamando os professores a não comparecerem à negociação marcada. A votação de 300 a 2, a favor da proposta apresentada por Nelson, foi a palavra final dos trabalhadores. Contra a traição, prevaleceu a união e o espírito de luta das duas categorias.

metalúrgicos - RJ

A luta pela CUT e Greve Geral está na derrubada de Pimentel e Cia.

No dia 15/11 ocorrerão eleições para o sindicato dos metalúrgicos do Rio, o segundo maior do país. Esse sindicato é dirigido pelo super-pelego Oswaldo Pimentel, que conta com o apoio do PCB.

Pimentel tem uma extraordinária folha de serviços prestados à ditadura, ou seja, marcada pelas mais amplas e descaradas traições à classe operária. Uma das mais escabrosas dessas traições se deu por ocasião da greve da FIAT, em 1981. Para derrotar a heróica luta dos metalúrgicos da FIAT contra os ataques dos patrões, Pimentel não hesitou em se valer da força física, dos espancamentos e da agressão armada contra os trabalhadores. Para isso, o pelego contou com o apoio e a inestimável cooperação dos stalinistas do PCB e do MR-8.

Antes desses acontecimentos, em 1980, já havia surgido para os metalúrgicos cariocas a oportunidade de varrer Pimentel do sindicato. Nesse ano, durante a campanha para as últimas eleições sindicais, tinha se desenvolvido uma grande oposição à diretoria pelego-policial. Mas essa oposição, por vacilação de alguns setores e inexperiência de outros, acabou se dividindo em duas chapas, permitindo assim que Pimentel continuasse no sindicato. Passados três anos, esta oportunidade volta a surgir. Desta vez a classe trabalhadora está mais armada do que em 80. Nesses anos, os companheiros metalúrgicos cariocas, não cessaram de lutar, de resistir aos ataques da patronal e da diretoria. E a vanguarda dessa resistência foram os ativistas das fábricas, como a comissão da FIAT, os grevistas dos estaleiros Caneco e Itshikawagima, da Ficap e TRW, que pararam junto com os trabalhadores paulistas do dia 21. Esses ativistas que se organizaram contra a diretoria traidora são a maior demonstração da continuidade da oposição. Eles expressam a luta pela derrubada de Pimentel e pela reconquista do sindicato para a classe. Além disso, os trabalhadores hoje possuem a CUT e começam a preparar a Greve Geral contra a ditadura. Por isso é fundamental que os metalúrgicos do Rio se utilizem dessa experiência e dessas armas para desferir outro golpe na ditadura e nos seus jagunços sindicais.

É nesse novo marco que devemos colocar as eleições atuais. É necessário construir uma alternativa de combate aos pelegos. Por isso apoiamos os esforços pela constituição da chapa de oposição "Princípios e Luta", apoiada pelos ativistas da FIAT, dos estaleiros e por dissidentes da diretoria. Chapa esta que votou em plenária um programa pela CUT, pela Greve Geral e contra o peleguismo.

Mas essa oportunidade de desferir um golpe mortal na pelegada está ameaçada pela postura de alguns membros da oposição, principalmente daqueles ligados ao jornal "Em Tempo", que, preferindo entrar em acordo com Pimentel e, por aí, conquistar alguns cargos, se voltam contra a organização da oposição. Os ativistas apoiadores do "Em Tempo" se justificam afirmando que "é muito difícil, hoje, romper o poder pelego-stalinista por fora, sendo, portanto, legítimo que se faça isso por dentro", ou seja, participando e dando respaldo à chapa de Pimentel.

O mínimo que podemos dizer da posição dos ativistas ligados ao "Em Tempo" e de sua argumentação é que elas jogam por terra sua defesa da CUT e da Greve Geral. A se manter essa postura, esses companheiros estarão se bandeando para a trincheira dos fura-greves. Por isso, só podemos cobrar coerência de sua parte, chamando-os a rever seu posicionamento e a se incorporarem à chapa que está pelo programa da CUT.

Líbano:

O imperialismo sem intermediários

Caiu a máscara da "força de paz" mantida pelo imperialismo no Líbano. No dia 20, a frota norte americana, estacionada na costa libanesa, desencadeou um intenso bombardeio contra as posições drusas em Beirute e no Chuf. Estas foram atacadas pelas incursões dos caças F-14 do porta aviões Eisenhower e pelos fuzileiros navais, os marines, pela primeira vez em ação direta desde a guerra do Vietnam. Os EUA, decididamente, entraram na guerra para garantir o governo de Amin Gemayel, imposto pela tropa de ocupação de Israel há um ano. O recuo dos sionistas obrigou o imperialismo a agir sem intermediários.

Como em 1975, a guerra no Líbano aparece como um conflito entre os cristãos maronitas (parte da Igreja Católica Romana) e os drusos (seita muçulmana). Na verdade, trata-se de uma luta nacional, englobando camponeses e trabalhadores, contra a burguesia financeira (e traficante) que detém a hegemonia, funcionando como agente do imperialismo.

Dos governos locais...

A história dessa região é o da confluência entre civilizações diversas: a greco-romana e os impérios orientais, na Antiguidade; depois, o Ocidente cristão e o mundo árabe muçulmano. Foi província do Império Turco desde o séc. XVI até o fim da Primeira Guerra Mundial (em 1918), quando as potências imperialistas trataram de colocá-la sob controle direto. Além dos fortes interesses comerciais, preocupavam-se em conter a revolta e ameaça de revolução da população árabe, que tinha na luta dos muçulmanos drusos um de seus polos mais avançados (junto com os palestinos).

Em 1920, o Líbano foi desmembrado da Síria e colocado sob mandato da Liga das Nações (a ONU da época) — na verdade, sob controle da França, até a independência em 1943.

O Líbano passou a ser o grande centro financeiro e turístico do Oriente Médio, fortalecendo-se a burguesia maronita, aliada aos colonizadores europeus e dedicada a atividades comerciais, inclusive o tráfico clandestino de ouro e haxixe. Nessa época Pierre Gemayel, pai do atual presidente, organizou as "falanges" cristãs, tendo como modelo os bandos fascistas.

A maioria da população, de religião muçulmana (drusos, xiitas e sunitas) é composta de camponeses, pequenos comerciantes e operários da indústria semi-artesanal. Os vários partidos e organizações de esquerda existentes (inclusive grupos cristãos e milícias xiitas) agrupavam-se no Movimento Nacional Libanês, dirigido pelo líder druso Kamal Jumblatt, que foi também o fundador do Partido Socialista Progressista hoje comandado por seu filho Walid Jumblatt.

O frágil equilíbrio que garantia a predominância dos maronitas rompeu-se a partir de 1970, quando convergiram para o Líbano centenas de milhares de palestinos expulsos da Jordânia. Ao mesmo tempo que ia perdendo seu papel de centro financeiro (com os petrodólares fluindo diretamente para o Ocidente), o Líbano já não podia escapar ao problema crucial do Oriente Médio: a existência dos palestinos sem terra e a presença ameaçadora e expansionista do estado de Israel.

...aos bons serviços do estado sionista...

Com a contra-revolucionária invasão do Líbano, Israel inflingiu um duro golpe à OLP, que constituía um poder paralelo ao do estado libanês. O exército sionista impôs seu domínio sobre a maior parte do país — diretamente no sul e sustentando o governo de Gemayel na região de Beirute — ao passo que a Síria consolidava o seu controle no norte.

Porém, a forte resistência dos drusos, xiitas e palestinos e a pressão interna em Israel obrigaram o estado sionista a um recuo, abandonando a região do Chuf, junto a Beirute. O exército libanês e as falanges mostraram-se impotentes para conter a situação, obrigando ao envolvimento direto das potências imperialistas.

...e à intervenção direta.

Maior do que um conflito entre maronitas e drusos, ou uma disputa territorial entre Israel e Síria — elementos também presentes — o que está em jogo no Líbano é a manutenção da população árabe subjugada aos interesses do imperialismo (através de fantoches como Gemayel), ou sua real independência e autodeterminação.

Após duas horas de bombardeio junto ao aeroporto internacional de Beirute, um jornalista perguntou ao porta-voz dos fuzileiros navais ianques se achava que os ataques eram dirigidos diretamente contra os *marines* ou se o alvo eram as posições do exército libanês. "Quem pode dizer?" foi a resposta.

Não há diferença. Sendo contra Gemayel, a luta dos drusos e dos combatentes palestinos (superando as dissensões internas na direção da OLP) é contra o imperialismo ianque que o sustenta.

Nicarágua:

Os trabalhadores em armas!



Sem desembarque de *marines* nem bombardeiros decolando dos imponentes porta-aviões ianques, o imperialismo está fechando o cerco e atacando duramente a Nicarágua.

Servem de fachada as forças treinadas, armadas e apoiadas pelos EUA, com base nos países vizinhos. De Honduras, a FDN dos somozistas e contra-revolucionários efetua incursões no norte da Nicarágua, contando com o apoio logístico das tropas ianques empenhadas nos "exercícios" militares na região.

Ao sul da Nicarágua, a Costa Rica tem dificuldades em manter sua proclamada "neutralidade", diante da desfaçatez com que age a ARDE comandada pelo traidor Eden Pastora. (É no mínimo estranho que, poucas semanas depois de anunciar sua quase desistência por falta de dinheiro, Pastora possa

receptionar duzentos mercenários atraídos por uma revista com o sugestivo título de *Soldiers of Fortune...*)

Ataques coordenados

No começo deste mês, essas forças desfecharam, simultaneamente, violentos ataques à Nicarágua.

No dia 8 de setembro, a FDN danificou gravemente, em Puerto Sandino, o único terminal petrolífero do país, o que significa cortar, temporariamente, o suprimento de combustível para a Nicarágua.

Nesse mesmo dia, dois aviões bombardearam o aeroporto de Manágua. Nos dias seguintes, verificaram-se novos ataques aéreos contra o porto de Corinto e a base militar de Cibalsa (104 Km ao sul da capital). Essas ações foram reivindicadas pelo grupo de Pastora. Porém, o governo sandinista afirmou que os ataques foram desfechados a partir

da Costa Rica e de Honduras.

Uma semana depois, confirmou-se que os dois Cessnas que bombardearam Manágua foram equipados na base militar de Ilepango, em El Salvador, de onde decolaram para a missão.

De volta de um giro nada turístico pela América Central, o secretário da Defesa dos EUA, Caspar Weinberger, reafirma a estratégia ianque: aumentar a ajuda militar a El Salvador, Honduras, Guatemala; treinar e equipar seus exércitos — e deixar a eles a tarefa de isolar e atacar os sandinistas. Para isso, conta também com a oposição burguesa dentro da Nicarágua, que se expressa na campanha lançada pelos bispos e pela Democracia Cristã (que anunciou publicamente sua aliança a Pastora), contra a lei de serviço militar obrigatório.

Entretanto, os trabalhadores nicaraguenses se alistam no exército e conseguem rechaçar os ataques da FDN e da ARDE.

A resistência expressa a vontade de preservar e ampliar as conquistas da revolução que, há quatro anos, derrubou o ditador Somoza.

Pela defesa da Nicarágua!

No Brasil, como no mundo todo, os trabalhadores manifestam o seu apoio a essa luta heróica contra o imperialismo, através de atos públicos como os que foram realizados em Porto Alegre e São Paulo. O PT está encabeçando uma ampla campanha de solidariedade, à qual devem juntar-se todos os partidos e entidades democráticas.

Ao mesmo tempo, devemos multiplicar os Comitês de Solidariedade (como o que foi criado no congresso da UEO em Osasco) e levantar, nos encontros de trabalhadores e nos próximos congressos estudantis, a bandeira de apoio à Revolução Nicaraguense!



6

Um núcleo em cada nova escola!

Os Congressos secundaristas e universitários aumentam as possibilidades de chegar aos 400 núcleos e 10.000 jornais semanais!

Com a abertura das escolas para os congressos secundaristas no Estado de São Paulo, e com a proximidade dos Congressos universitários das UEEs e da UNE, centenas de novos companheiros estão despertando para a luta. Estes ativistas começam a participar do movimento sob o impacto da greve do dia 21, do ascenso operário e da nova situação política criada pela fundação da CUT. São companheiros (talvez você que está nos lendo neste momento seja um deles) que aderem com entusiasmo a proposta de aliança operário-estudantil, da construção da CUT e da preparação da greve geral do dia 25. E querem discutir mais ainda, sobre o não pagamento da dívida externa, eleições diretas, fim da ditadura, o socialismo, etc. Todos vocês que nos lêem pela primeira vez estão convidados a participar de um dos núcleos de leitores e vendedores do jornal "Alicerce da Juventude Socialista". Pergunte ao companheiro que vendeu o jornal e que são estes núcleos chamamos a formarem novos núcleos com os companheiros que entrarmos em contato durante o processo dos congressos. Um núcleo em cada escola!

	Nº de núcleos	Nº de pessoas
São Paulo		
Bom Retiro	3	8
Santana	6	16
Tucuruvi	4	12
Brasilândia	2	8
Santo Amaro	9	24
Cidade Ademar	2	4
Ipiranga	13	50
Penha	10	40
Lapa	2	5
Centro	4	11
Universitários	7	24
Santo André	19	60
São Bernardo	9	35
São Caetano	3	16
Diadema	0	0
Osasco	2	8
Guarulhos	6	36
Santos	5	16
Jundiaí	1	4
Campinas	9	46
Sorocaba	3	10
São Carlos	19	54
Araraquara	4	11
Ribeirão Preto	8	18
São José dos Campos	6	19
Mogi das Cruzes	3	12
Rio de Janeiro		
Centro	7	19
Méier	5	24
Tijuca	8	21
Niterói	5	14
Caxias	3	7
Universidade Rural	6	13
Volta Redonda	5	22
Rio Grande do Sul		
Porto Alegre	35	80
Passo Fundo	9	32
Santa Maria	5	12
São Leopoldo	4	11
Florianópolis	3	9
Minas Gerais		
Belo Horizonte	12	20
São João Del Rey	3	10
Brasília	15	41
Campo Grande	4	15
Pernambuco		
Recife I	9	21
Recife II	7	29
Fortaleza	3	7
Belém	18	48
Imperatriz	6	19
Manaus	8	28
Natal	1	6
Maceió	1	3
TOTAL	341	1.058

ATENÇÃO:

Muitas cidades e bairros de São Paulo não informaram nesta semana o número de núcleos e de pessoas, por isso estamos repetindo os dados que temos.

Divisão nas diretorias da UNE e da UEE-SP!



Wagner Avancini

Quando falta pouco mais de um mês para o Congresso da UNE e menos para os Congressos das UEEs de S. Paulo e Rio, surge à luz do dia, nas páginas da imprensa burguesa, a ruptura das diretorias da UNE e UEE de São Paulo. Cada vez mais a saída para o Movimento Estudantil é a construção de uma Oposição Unificada que defenda a CUT e organize a greve de 25/10!

Na UNE, a ruptura foi assumida publicamente por dois diretores, Orlando e Baiano, numa entrevista ao jornal "Folha de S. Paulo". Esses diretores que defendem as posições do jornal "Voz da Unidade" informaram que a diretoria da entidade se encontra completamente paralisada. De tal forma, que a reunião que tinha sido convocada para definir as propostas da diretoria para o Congresso da UNE foi boicotada pelos diretores ligados à "Tribuna da Luta Operária", e por isso não se realizou. Também na UEE-SP essa ruptura se deu. Na última reunião da sua diretoria, diante das posições antagônicas das duas tendências que a compõem, os delegados ligados à "Tribuna" começaram a abandonar a reunião para retirar seu poder de decisão. O que estava em causa: adiar ou não o Congresso da UEE-SP, marcado para os dias 7, 8 e 9 de outubro.

Porque se dividem as diretorias da UNE e UEE-SP

Aparentemente, podem parecer estranhos os motivos desta divisão. Mas não são. As duas tendências das diretorias dividem-se publicamente porque se lançaram numa frenética disputa para ganhar mais peso nos próximos Congressos.

Mas o ascenso das lutas operárias e estudantis colocou ambas as correntes Stalinistas em crise. Essas correntes estão fielmente ligadas aos governadores que se dizem de "oposição", como Montoro, que depois de reprimir os desempregados agora cerca o seu acampamento com arame farpado, como se fossem animais. Ou como Brizola que reprimiu violentamente os saques dos desempregados famintos do Rio de Janeiro.

Entre a "represão democrática" desses senhores e a luta dos trabalhadores, o stalinismo ficou ao lado dos governadores. Por isso se colocou contra a CONCLAT e a construção da CUT. Por isso irá fazer tudo para sabotar a greve geral, marcada para dia 25/10.

Assim, as propostas que ambas as tendências apresentam para os Congressos, são marcadas por esta crise.

As teses da "Tribuna", já publicadas, conseguem apresentar textos quilométricos, que omitem as atitudes dos governadores de "oposição", a existência da CUT, a luta pela Greve Geral. Omitem até qualquer proposta para resolver o principal problema do ensino no Brasil, como acabar com o ensino pago, como impor o ensino público e gratuito.

Quanto as teses do "Voz", elas ainda não foram publicadas. Mas pelo que dizem seus dirigentes, já deu para entender que sua proposta de "frente democrática", que incluía até setores do governo, contra a CUT e a Greve Geral, é indispensável. Por isso, irão jogar na descaracterização e despolitização do Congresso, tentando evitar qualquer discussão política e tomando iniciativas, para tirar delegados, como a mostra de Artes organizada pela UEE e o DCE-USP. Ao mesmo tempo, cabe perguntar aos diretores Baiano e Orlando, que falaram na citada entrevista a "FSP" em dois movimentos estudantis (o das "tendências" e o "real"), se não estão querendo fazer no ME, a mesma divisão que os pelegos fizeram ao boicotar o CONCLAT e a CUT.

Varrer as diretorias pelegas

Transformar os Congressos em centros de organização da greve de 25/10 nas escolas.

Agora que o Stalinismo está momentaneamente enfraquecido, é mais que nunca o momento para unir esforços para varrer esses pelegos das diretorias da UNE e UEEs de S. Paulo e Rio. Alicerce está fazendo um apelo à formação de uma *oposição unificada* que defenda o programa da CUT e prepare nas escolas a Greve que a Central Única convocou. O apelo estende-se às tendências "Caminhandu", "Liberdade e Luta" e "Centelha" e a todos os estudantes e diretores independentes que estejam dispostos a defender o programa da CUT e a luta pelo Ensino Público e Gratuito.

Só assim, será possível transformar os Congressos em centros de organização da Greve Geral nas escolas, ao lado dos trabalhadores.

Fundada a UMES-Diadema

Com a participação de todas as 8 escolas de 2º grau da cidade e mais 7 de 1º grau, e com a presença de 63 delegados representando cerca de 2.000 estudantes, foi realizado neste último fim de semana o I Congresso dos Estudantes Secundaristas de Diadema. Por unanimidade, foi decidida a criação da União Municipal dos Estudantes Secundaristas, a UMES de Diadema.

Este Congresso ainda aprovou o apoio à CUT e à Greve Geral, reconhecendo e encampando o seu programa. Deliberou que no tocante às lutas estudantis, a UMES dará continuidade à luta por eleições diretas para diretores de escolas e pela criação de CCEs livres e que no geral aprova a pauta de reivindicações da UPES. E a nível internacional resolveu formar um comitê de Apoio e Solidariedade à Nicarágua e aos povos da América Central e dar apoio às lutas dos trabalhadores de todo o mundo.

Por fim, foi eleita uma diretoria provisória e marcadas eleições diretas para 9 e 10 de outubro. Em síntese, um Congresso vitorioso.

A UEO foi reconstruída

O Congresso de reconstrução da UEO (União dos Estudantes de Osasco) realizado no último sábado, dia 17/09, no Paço Municipal, foi uma grande vitória. Com a presença de 120 delegados foi reconstruída a UEO, destruída em 68 pela ditadura.

Além de aprovar o apoio à CUT e à Greve Geral do dia 25 com Greve Geral dos Secundaristas, ainda aprovou as bandeiras de ensino público e gratuito para todos, congelamento das mensalidades nas escolas pagas e estatização das escolas pagas em crise, contra as taxas de APM, mais verbas para as escolas públicas e uma campanha pelo reconhecimento das entidades secundaristas, como a UEO, as UMES, UPES e UBES. Por fim foi aprovada uma bandeira local, que é pelo Ensino Municipal Gratuito no ITO (Instituto Tecnológico de Osasco) que funciona como fundação e com ensino pago.

Em relação à situação internacional foram aprovadas várias moções que se solidarizam com as lutas dos trabalhadores do mundo todo, como os da América Central, Chile, Polônia, etc.

Foi eleita uma diretoria provisória neste Congresso, tendo à frente Nádia Lopes como presidente, e foram marcadas as eleições diretas para a diretoria definitiva para abril de 84.

Sedes de Alicerce

Amazonas — Manaus — Av. Constantino Nery, 812, casa 5 - Centro

Pará — Belém — Rua Rui Barbosa, casa 4 - Vila ABC

Maranhão — Imperatriz — Rua Benedito Leite, 634 - Centro

Pernambuco
Olinda - Vila Marluce, 44 - Terminal de São Benedito
Recife I - Rua Álvares de Azevedo, 80 (trav. da Rua João de Barros)
Recife II - Rua do Giriquiti, 20, Apto. 101 - Ed. Argentinum

Minas Gerais
Belo Horizonte/Barreiro - Rua Hoffman, 5-B (esq. com R. Olinto Meireles)
Belo Horizonte/Centro - Rua Curitiba, 778 - sala 805
Contagem - Av. João César Oliveira, 3041-B - 2º andar
São João Del Rey - Rua Mateus Salomé, 22 - sala 3 - Centro

Mato Grosso do Sul
Campo Grande - Rua Antonio Maria Coelho, 2301 - casa 5 - Centro

Distrito Federal — Brasília - Edifício márcia, saia 809 - SCS

Rio de Janeiro
Rio de Janeiro/Centro - Av. Marechal Floriano, 167 - 2º andar
Rio de Janeiro/Méier - Rua Joaquim Méier, 600
Rio de Janeiro/Tijuca - Rua Pereira Nunes, 129 - casa 1
Niterói - Rua XV de Novembro, 106 - sala 4
Volta Redonda - Rua 208 - nº 207

Rio Grande do Sul
Porto Alegre - Rua Oswaldo Aranha, 934 - Bonfim
Passo Fundo - Rua Independência, 640
São Leopoldo - Av. Bento Gonçalves, 1431
Santa Maria - R. Dna. Luíza, 570 - subsolo.

São Paulo
Campinas - Rua Barão de Jaguará, 1385 - Centro
Jundiaí - Rua Prudente de Morais, 1503 - Centro
Santos - Av. Afonso Pena, 418, sala 22 - Macuco
São Carlos - Rua Episcopal, 1983
São José dos Campos - Av. Dr. Nelson D'Ávila, 1247 - salas 1 e 2
Ribeirão Preto - Rua Prudente de Morais, 791 - Centro
Araraquara - Rua São Paulo, 75 - fundos

Grande São Paulo
Guarulhos - Rua João Gonçalves, 468 - Centro
Osasco - Rua Antonio A. 532 - 2º andar - sala 8 - Centro
Santo André - Rua Santo, 16 - sala 179 - Centro
São Bernardo do Campo - Rua São Vicente de Paula, 15 - Centro
São Caetano do Sul - Rua Pernambuco, 469 - Centro
Diadema - R. N. Senhora das Vitórias, 200

São Paulo/Capital
Santana - Rua Voluntários da Pátria, 1617
Freguesia do Ó - Rua Marapinima, 41
Lapa - Rua 12 de Outubro, 325 - sala 9
Liberdade - Rua Santa Madalena, 22
Santo Amaro - Rua Cel. Luiz Barroso, 240
Cidade Ademar - Av. Cupecê, 3397 - sala 2



A UMES presente o 1º de Maio de São Bernardo em 1982.

IV Congresso da UMES-SP:

Após três anos de lutas,

vitória contra a repressão!



A delegação de "Alicerce" no Congresso de Fundação da UMES em 1980.



Este será, certamente, o Congresso mais representativo que a UMES-SP já realizou. Até o fechamento desta edição, já haviam sido inscritas mais de 190 escolas, cerca de 70 a mais que nos Congressos anteriores. Este será sem dúvida o maior Congresso Secundarista municipal do país. Esta representatividade é fruto da grande vitória que foi a conquista de liberdade para a eleição de delegados no interior das escolas. Hoje assembléias massivas estão elegendo centenas de delegados. Com isso, muitos estudantes estão entrando, pela primeira vez, em contato com a UMES e despertando para a luta. Aqui contamos um pouco da história deste sindicato dos secundaristas, que teve "Alicerce da Juventude Socialista" na vanguarda de sua construção desde o começo.

São mais de três anos de muita luta, nos quais Alicerce sempre esteve na vanguarda. Na verdade, a história de Alicerce e da UMES SP estão muito ligadas, já que os dois são fruto do mesmo processo de luta, ascensão e desenvolvimento do movimento secundarista.

Em 1977, os estudantes universitários saíram às ruas reivindicando democracia e os secundaristas começavam, em alguns colégios, principalmente no Equipe, a se organizar e reconstruir o seu movimento, esmagado pela ditadura em 1968. Em 1978, aconteceu, depois de muito tempo, a primeira greve dos professores e também a primeira Assembleia Geral dos Estudantes em apoio aos professores, nas esquadrias da igreja ao lado do Equipe. Já em 79, no calor das greves operárias e de diversas categorias de trabalhadores é realizado o I EMES (Encontro Metropolitano dos Estudantes Secundaristas) com a participação de 550 estudantes representando 103 escolas. Esse primeiro encontro foi plenamente vitorioso, aprovou o apoio ativo dos estudantes às greves e marcou o I Congresso para o ano seguinte para fundar a UMES-SP.

Agosto de 1980: fundação da UMES-SP

O I Congresso da UMES, foi realizado no circo dos Bancários e teve a participação de 450 delegados e de 122 escolas. 1980 foi o ano dos boicotes às mensalidades das escolas particulares, culminando com a primeira grande passeata dos secundaristas pelo centro de São Paulo. Várias escolas se mobilizaram e a comissão pró-UMES e Alicerce estiveram presentes em todas elas. Já no segundo semestre, mais precisamente em outubro, foi realizada a primeira eleição para a diretoria da UMES, que se transformou em uma grande luta contra a repressão. Da primeira eleição participaram 39.045 estudantes de 158 escolas e a chapa vitoriosa foi "Alicerce e Luta Secundarista" que obteve 18.713 votos.

1981: o ano da reconstrução

Em 81, com a UMES já funcionando, o movimento volta-se para reconstruir todas as entidades destruídas pela ditadura. E a UMES-SP jogou todos os seus esforços na reconstrução da UPES (União Paulista dos Estudantes Secundaristas) e da UBES (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas). A UMES-SP ajudou a realizar os dois maiores Congressos que o MS até então realizou, o da UPES e o da UBES. E no II Congresso decidiu apoiar a I CONCLAT e a fundação da CUT e resolveu que a diretoria da entidade seria proporcional ao número de votos que cada chapa recebesse nas eleições, sendo desta maneira, a primeira entidade no Brasil a adotar tal critério e portanto a ter o funcionamento mais democrático, permitindo a participação de todas as correntes na sua direção.

1982: o maior enfrentamento com a repressão.

Além do apoio ativo à greve dos professores com mais de 30 passeatas em apoio a esta luta, a maior luta deste ano levada pela UMES, aí já com a ajuda da UPES recém-construída, foi pela realização das eleições diretas para as duas entidades. Para realizar esta eleição, os estudantes tiveram que enfrentar, muitas vezes, a polícia nas portas das escolas que ali estavam para impedir a sua realização. Além disso, de dezenas de estudantes presos, expulsos e suspensos, a UMES ainda teve que enfrentar um setor do stalinismo, o pessoal do jornal Hora do Povo, que resolveu boicotar as eleições e chamava a polícia para a porta das escolas. Mas a eleição foi realizada e de novo a Chapa Alicerce saiu vitoriosa, recebendo 20.000 votos de um total de 34.353 votantes. O terceiro Congresso se realizou em outubro e decidiu que os estudantes deveriam apoiar o PT nas eleições de novembro, pois este era o único partido legal que representava os trabalhadores.

1983: conquistamos liberdade para o IV Congresso

Este ano o Movimento Secundarista vive as maiores lutas dos últimos quinze anos. É em 1983 que os secundaristas, após as eleições de 82 que colocaram o PMDB no poder em SP, fazem uma passeata com mais de 500 estudantes em frente à Secretaria da Educação, exigindo o fim da repressão nas escolas e a liberdade para a realização dos Congressos da UMES, UPES e UBES. Ao lado disso, dezenas de escolas fazem greve contra a repressão, como é o caso das escolas de Osasco, do Maria Petronilla em Santo Amaro, do Barão de Ramalho, que se mobilizaram contra a expulsão de Edu, diretor da UMES, e de muitos outros colégios. É ainda em 1983 que a UMES deixa de ser metropolitana e transforma-se em União Municipal, com o objetivo de fortalecer e intensificar o movimento nas outras cidades da grande SP. E é assim que a UMES-SP impulsiona e ajuda a realização de congressos e a fundação da UMES de Diadema e de Osasco e também São Bernardo, Santo André, São Caetano e Mogi, que já tem encontros ou congressos marcados.

Com esta grande conquista que foi a abertura das escolas os estudantes e a UMES poderão aprofundar a organização e dar um salto bastante grande na conquista de suas reivindicações. Agora, é aproveitar esta liberdade conquistada para preparar nas escolas a greve geral do dia 25 de outubro, junto com os trabalhadores, exigindo com eles o fim do regime militar, o não pagamento da dívida externa, e também mais verbas para a educação, fim da repressão nas escolas, eleição direta para diretor de escola e o Ensino Público e Gratuito para todos.

Na UMES-SP:

Unidade em defesa da CUT e da Greve Geral

Este IV Congresso, se dividirá em dois pólos, sendo que os dois dirão que defendem a luta e as reivindicações dos estudantes. Só que de um lado, estarão aqueles que defendem que os estudantes se aliem aos trabalhadores, apoiem a Greve Geral e a CUT para poder conquistar estas reivindicações e de outro, estarão os defensores da unidade com os partidos burgueses de "oposição" (PMDB, PDT, etc) e a negociação com estes governos e com a ditadura como forma de conquistá-las.

Entretanto, hoje fica quase que impossível falar das lutas dos estudantes, das suas reivindicações, do baixo nível de ensino, sem falar da necessidade de derrotar o regime militar; sem falar da necessária unidade com os trabalhadores para acabar com os planos de miséria e fome que a ditadura e o FMI impõem (e os governos de "oposição" aplicam) ao nosso povo.

E falar de unidade com os trabalhadores, significa neste momento apoiar a CUT (Central Única dos Trabalhadores) e a Greve Geral que ela marcou para o dia 25/10. Greve Geral essa, que vai exigir o não pagamento da dívida externa, o fim do regime militar, eleições diretas para Presidente da República, e da qual os estudantes devem participar exigindo também as suas reivindicações específicas, como ensino público e gratuito, mais verbas para a educação, etc.

Para levar essa tarefa, que é gigantesca, adiante é preciso formar um

bloco neste IV Congresso e uma chapa combativa para a diretoria da UMES, que defenda estas bandeiras.

Um chamado especial à Luta Secundarista

A corrente Luta Secundarista, que se reivindica oposição à diretoria da UBES e que diz no seu boletim para o IV Congresso da UMES-SP, defender a Greve Geral e a CUT, chama, estranhamente, neste mesmo boletim, os estudantes a se oporem ao Alicerce. Ora companheiros, não é possível defender a CUT e a Greve Geral no movimento secundarista e ao mesmo tempo chamar os estudantes a se oporem ao Alicerce. Pois Alicerce é não só, a maior corrente de oposição à diretoria da UBES, assim como é a corrente mais forte do movimento secundarista que está pela unidade com os trabalhadores e pelo apoio à CUT. Chamar os estudantes a conformar um bloco de oposição ao Alicerce no Congresso da UMES-SP é enfraquecer o pólo combativo, e portanto ajudar os conciliadores stalinistas, que sem dúvida estarão unidos para tentar impedir que os estudantes apoiem a CUT e a Greve Geral.

Por isso, chamamos os companheiros a reverem a sua posição e se somarem à Alicerce, formando um pólo de combate aos conciliadores, formando uma chapa combativa, que construa de fato a Greve Geral Secundarista, e apoie a Central Única dos Trabalhadores.